



SANDRAMARACORAZZA

obra, vidas etc.



Copyright © 2022 Dos Autores.

Capa e projeto gráfico: Fabiano Neu.

Imagem de capa: *Salamandra*, baseada em *Fire Salamander*, de Night-Owl8.

Diagramação: TAI Design.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

S219

Sandramaracorazza: obra, vidas etc. / Julio Groppa Aquino, Claudia Regina Rodrigues de Carvalho, Paola Zordan (Organizadores). - 1. ed. - Porto Alegre: UFRGS/Rede Escriteiras, 2022.

1092 p.

ISBN 978-65-5973-091-9

1. Biografia 2. Bibliografia 3. Sandra Mara Corazza I. Aquino, Julio Groppa II. Carvalho, Claudia Regina Rodrigues de III. Zordan, Paola IV. Título.

CDU: 929

Bibliotecária: Ana Gabriela Clipes Ferreira CRB-10/1808

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

SANDRAMARACORAZZA

obra, vidas etc.

JULIO GROPPA AQUINO
CLAUDIA REGINA RODRIGUES DE CARVALHO
PAOLA ZORDAN
(orgs.)



PORTO ALEGRE

2022

PREFÁCIO AO BREVIÁRIO:¹⁶⁸ danças, cantos, sonhos

Nilton Mullet Pereira¹⁶⁹

Sonhantes de todos os países, Uní-Vos!

SANDRA MARA CORAZZA

Este texto carrega o choro que não houve. Carrega o amor infinito. Exala energia vital, da qual Sandra é um modo de expressão.

O livro foi organizado por ela. Este texto apresenta apenas o Prefácio ao Breviário, escrito pela própria Sandra.

Primeiro, com certa temeridade, irei, sem qualquer pretensão de mostrar um rosto da pensadora, apresentar o Prefácio ao Breviário. Segundo, com menos pretensão ainda, irei comentar. Ou seria fazer glosas, como os estudantes e filósofos medievais? Quem sabe, apenas, desenhar palavras em pleno sonho, bem no meio de uma tarde em vigília, para poder me encontrar com Sandra e suas forças.

O Prefácio ao Breviário constitui-se de 7 partes. Como as Sete artes liberais; os sete pecados capitais; os sete amores de Sandra (a Família, a Vida, o Grupo de Orientação, a Didática, os Seres do Universo; o DEC; a Filosofia). Tomara que ela concorde, ao menos em parte. Mas, o fato é que o prefácio

¹⁶⁸ Prefácio ao Breviário. In: CORAZZA, Sandra Mara. (org.). *Breviário dos sonhos em educação*. São Leopoldo: Oikos, 2019. p. 11-23.

¹⁶⁹ Professor do Departamento de Ensino e Currículo – FACED – UFRGS. Ex-orientando de doutorado de Sandra Mara Corazza. Professor do ProfHistória – IFCH – UFRGS.

apresenta um Breviário de Sonhos sob a imanência do número 7. Uma nítida tentativa de Sandra em se deixar abater pelas forças selvagens da feitiçaria, da bruxaria (a moderna), do mito e do místico. O objetivo é ver o que os olhos do habitual e do ordinário não veem. Como um Xamã Yanomami, EIS AICE pode ser um contato possível com o não ordinário, com os elementos vitais da natureza, com os Xapiri? Com o Fora?

Portanto, EIS AICE (Espaço, Imagem, Signo para Currículo; Autor, Infantil, Currículo e Educador para Didática) é o bloco “formado por duas unidades analíticas e operatórias”.

Tudo se inicia por uma *Carta Convite*, o número 1. Uma espécie de convite ao Sonho. Melhor. Ao Breviário dos sonhos em educação. Um livro. Sandra persiste e insiste no 7. Assim, cada autor teve a tarefa de mostrar, em 7 páginas, um sonho em educação. Ela não especificou se tais 7 páginas deveriam ser resultado de uma descrição de um sonho; se deveriam ser escritas dentro do próprio sonho (o que soaria um tanto absurdo, mesmo para Sandra), ou se deveria ser uma escrita em vigília a propósito de um sonho em educação. Mais adiante, a autora apresenta, mais através de problemas do que de afirmações, em que consiste o sonho.

Cada sonho deve ser expresso através de um resumo, uma sinopse ou algo do tipo, pois, afinal de contas, trata-se de um Breviário. A ideia de Breviário Sandra rouba do medieval. Algo como o que sintetiza as tarefas diárias dos monges ou o Livro das Horas que se popularizou, permitindo aos leigos realizar suas devoções diárias. De qualquer modo, com o Breviário, Sandra pretendeu criar e criou provocações em 7 páginas, os sonhos em educação, quer dizer mesmo o que não é ordinário e habitual, o não estratificado, as forças selvagens do Fora, a potência do existir.

Logo, o que ela pretendia com esse Breviário era algo como um pequeno livro de cabeceira, que pode “ser aberto a qualquer hora”, antes de dormir, no banco do metrô (nosso metrô de superfície), nos intervalos e corredores da FACED, ou quem sabe numa rara desatenção em uma longa reunião do departamento (o DEC).

A Carta é um convite à Nau dos sonhos ou quem sabe à Nau de Loucos, nesse caso e nesta temporalidade, a Nau dos loucos da Educação. Afinal de contas, como diz o samba da Mocidade Independente de Padre Miguel, “sonhar não custa nada”.¹⁷⁰

Em o *Propósito de chama*, Sandra convida 30 professores. Daqueles que não dormem ao sonhar, nem sonham apenas consigo mesmos, como fazem os brancos, no seu mais profundo narcisismo, como diz o Xamã Yanomami Davi Kopenawa (KOPENAWA; ALBERT, 2015). Ou, ainda, os que sonham dormindo, evadidos da vida. Professores sonham sempre que entram em uma sala de aula. Sonham em vigília, numa espécie de “sonho operante”, como prefere Sandra.

O *Sete estrutural* compõe o arquivo de EIS AICE, as duas unidades “analíticas e operatórias”. Um arquivo consistente em duas traduções: EIS a do currículo e AICE a da didática da diferença. O Sete estrutural consiste numa fuga, tal como o sonho. Mas, não uma fuga da realidade, como se poderia supor de imediato. Nem uma fuga da sala de aula. Ou uma fuga do atordoamento que produz a docência ou/e o currículo. Não mesmo. Trata-se de uma fuga do excesso de sentido, tão comuns aos escritos sobre formação de professores. Por isso, EIS AICE emite singularidades. EIS AICE não limita, abre

¹⁷⁰ Samba Enredo da Mocidade Independente de Padre Miguel, 1992. Autores: Dico da Viola / Moleque Silveira / Paulinho Mocidade.

ao ilimitado; não define, amplia os possíveis; não determina, se deixa levar pelo sopro suave da indeterminação. Por isso, EIS AICE é algo similar ao efeito produzido pela poesia, diz Sandra. A poesia, um inutensílio, que Leminski assevera, com veemência, não ter qualquer justificativa, senão ela mesma, sua existência rude e brutal, sem lapidações. Justificar a poesia seria como explicar as razões de um orgasmo. Sandra era voraz leitora do Leminski?

EIS AICE poética é “máquina revolucionária” e sonhadora, que abre a docência como resistência criativa contra os poderes deste mundo terrivelmente assombroso em que vivemos agora, em 2021. Sandra combateu sempre esses mundos conservadores e limitadores da vida, os fascistas de todo calão (se é que se pode estabelecer graus de intensidade entre eles). Teve pouco tempo para combater este que nos é bem próximo, um dos mais terrificantes que ela viveu e que nós estamos a viver. Mas, seus textos, seus escritos, seus afetos, seus amores, o acontecimento chamado Sandra Mara Corazza continua seu combate e sua revolução eternamente.

Como pensava Foucault em “O que é o Iluminismo” (2000), Sandra deixou o cheiro intenso da revolução (não o Iluminismo, mas Sandra e seu exército). Ao invés de um corpo situado no tempo e no espaço, que se “desmancha no ar” como qualquer extensão, com idade, métrica e rima, Sandra é acontecimento. Sobrevoa passado, presente e futuro. Aion revolucionário, insistente, persistente, incapturável e, sobretudo, brincalhão. Ela nos faz aprender com o passado. Nos faz problematizar o presente. Amplia ao infinito o que chamamos de futuro. Coexistência. Sandra coexiste conosco. EIS AICE coexiste conosco, mas não se trata de uma ideia da Sandra que se foi, é mesmo um arranjo de forças que mantém Sandra e sua

ideia cortando ardentemente a nossa realidade como uma faca cortante (DELEUZE, 2015). Sandra pensante. Sandra vivente.

EIS AICE não é moral, nem se serve de verbos como “deve, precisa, necessita”. EIS AICE é o Sete estrutural que consiste em uma pura abertura ao Tempo e ao Acontecimento. Desse modo, EIS AICE expressa a liberdade e o mistério da criação e da ação das professoras e dos professores.

Pontos de sonho era esperado. Afinal de contas, o que é sonhar? Sandra nos lembra que o sonho sempre esteve em todas as rodas: dos estudos científicos às conversas do dia a dia. Sempre se tentou prender o sonho em uma interpretação. Nesse caso, não à interpretação sobre um sonho determinado, sonhado por alguém em algum momento, mas na ideia de sonhar. “Não sonhamos o sonho, somos cavalgados por ele”. Ele é como se fosse um “estrangeiro” que se intromete em nosso sono e ousa trazer imagens, coisas, pessoas para encontros estranhos e inusitados, mas, ao mesmo tempo, Sandra diz que ele é “profundamente familiar”, uma vez que nos dá sensações íntimas e singulares.

O sonho, diz ela, é um “demônio” abusado, pois confunde a temporalidade. Produz gagueira. Mistura presente, passado e futuro. Como Krenak (2019), Sandra pensa que o sonho é um lugar (ou não-lugar) de puras energias de onde se pode criar, enfrentar e devolver mais energias para a sala de aula. Afinal de contas, “a aula é a cena manifesta dos sonhos dos professores”, diz Sandra. Logo, o sonho não é a expressão de uma realidade recalcada, nem mesmo o devaneio descolado dos corpos. O sonho é uma espécie de antifascismo. Os fascistas não sonham, e quando sonham, repetindo o pensador do povo Kopenawa, o fazem sempre consigo mesmos. O sonho é antifascista porque ele compõe-se de gritos e urros da vontade

de aula. Os fascistas não sonham acordados, como as professoras. Professores, sempre que entram em aula, têm colados em si, como “parasitas”, os sonhos. Logo, sonham acordados. Tudo se passa como se a docência incluísse em suas potências, os sonhos. De forma que sonhar seja o acontecimento atemporal e ahistórico da docência. E sonhar nos livra do fascismo de cada dia, nos obriga a pensar, nos faz, paradoxalmente, vigilantes em relação às leis e aos modelos impostos pelo fascismo. Nós, professoras.

Em *Viver a Aula*, Sandra mergulha no seu terreno mais fértil, mais criativo e mais sonhado: a Aula. Uma espécie de “estado intervalar entre sonhar e relatar que sonhamos, entre viver a Aula e contar que a vivemos”. Um “sonho dentro do sonho”. Tudo se passa como se a Aula fosse um paradoxo: Aula que é sonhada desde a noite anterior, desde um ano antes, desde um tempo imemorial; e a Aula, lugar por onde escorrem sonhos de uma docência revolucionária. Aula dentro e fora do sonho ao mesmo tempo. Uma quase confusão ou mistura da Aula com o sonho. Sim, porque, sem o sonho, a Aula não passa de um lugar repleto de cadeiras e mesas. Como diz Sandra, trata-se de um “sonho de Aula”. Caos. Infinitude. Indeterminação. Germe da criação.

Mais uma vez, o que vale é *Não voltar*. Deixar-se embriagar pelo sonho que é habitado e que habita a Aula. Deixar-se em fuga contínua do hábito, da moral, do costume. Sem destino. Para Sandra: “sol morto, goma úmida, aposentadoria, morte e desassossego”.

Desse desassossego. Agora eterno. Veio uma *Onda de fantasias*. Delas, Sandra fez convites para 30 viventes escreverem seus sonhos em Educação. Cada escritora-sonhadora-professora armou-se de um paraquedas colorido, como pensa Krenak,

e se deixou cair. Não em um sono profundo, mas, no sonho. Sonho/queda. Sonho/abismo. Sonho/resistência. Abandono do Eu, do homem, da humanidade. Experimento das energias vitais da natureza.

Sandra sonhou com um currículo e uma didática revolucionários, como limiares de criação de cada vez mais vida.

Essa é minha sublime descrição do *Prefácio ao Breviário dos sonhos em educação* (CORAZZA, 2019).

SETE RAZÕES PARA PENSAR UM ACONTECIMENTO CHAMADO SANDRA OU AMAR, VIVER, ENTREGAR-SE

1. Torcer o Breviário, o resumo, o livro das horas para o labirinto do tempo. Recostar o que parecia antigo (medieval) com o que formalmente é novo. Recusar a sucessão e se deixar absorver pela duração. Esse Breviário dos sonhos é tanto medieval, quanto contemporâneo. Aliás, nenhuma dessas duas temporalizações (ficções) o prendem num espaço-tempo, numa época, num lugar. Sandra complicou o tempo.

2. Fazer do sonho um modo de agir no mundo. Sem contemplação, apenas prática. Sonho-prática. Sandra pegou o sonho e o deslocou da voracidade antropocêntrica do homem branco. Também desviou o sonho dos devaneios psicológicos de todos os narcisistas. Por fim, tirou do sonho a figura de uma realidade recalcada. E mostrou que o sonho é a energia vital. Tempo da coexistência. Margem/refúgio da criação. Sonhar em educação é criar brechas para transformar o que somos e abrir as possibilidades de futuros.

3. Sonhar não custa nada. Sonhar não é lucrativo. O sonho não é uma mercadoria. O capitalismo não poderá colonizar o sonho. Nem a educação, nem o currículo, nem a didática.

EIS AICE é uma espécie de antídoto à civilização do lucro. À humanidade dos homens brancos. Sonhar se dá na informalidade; no Fora; no Caos; no Aion revolucionário.

4. Sonho provocador. Encantador de serpentes. Educadora nas artes nada liberais e também nas liberais. Sonho insinuante. Insistente. Alegre. Sonhar em educação parece ser uma provocação a encontros alegres e expansivos. Que aumentam o brilho da vida; que aumentam a potência de ser e de agir.

5. Diferença pura. Multiplicidade. Sonhar. Cortar. Verdessar. Respirar. Escrever. Uma vida criada pelo amor à escrita. Sandra Corazza.

6. Aula-Caos. Aula-sonho. Aula sonhada. Sonho de Aula. Para além das formalizações que constituem uma espécie de solo rígido por onde a formação de professores tem andado, formado. Pensar a Aula na abertura aos seres da natureza. Uma Aula que se faz sonho, pelo flerte insuspeito com o Caos; com as forças turbilhonares da vida; com a “verdadeira” essência dos corpos: sua potência de existir.

7. Sandra Mara Corazza; Hugo; Filhos; Netos; DEC; DIF; EIS AICE.

Eterno desassossego.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. *Logique du sens*. Paris: Les éditions de minuit, 2015.

CORAZZA, Sandra Mara (Org.). *Breviário os sonhos em educação*. São Leopoldo: Oikos, 2019.

FOUCAULT, Michel. O que são as luzes? In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos II*. Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Tradução de Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

KOPENAWA, D., & ALBERT, B. (2015). *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami* (Prefácio de Eduardo Viveiros de Castro; Beatriz Perrone-Moisés, Trad.). São Paulo, SP: Companhia das Letras.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo* (Nova edição). São Paulo: Companhia das Letras, 2019.